

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL NO REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS PARA CONFEÇÃO DE BRINQUEDOS EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL EM RIO TINTO, PARAÍBA.

Glória Cristina Cornélio do Nascimento¹

Eduardo Beltrão de Lucena Córdula²

RESUMO

A Educação Ambiental Não Formal visa promover a sensibilização e o resgate de valores e atitudes em comunidades tradicionais e grupos sociais, através de ações direcionadas especificamente para os atores envolvidos. Objetivando trazer novas concepções ao público infantil da comunidade tradicional de Lagoa de Praia, localizada no município de Rio Tinto, Paraíba, foi realizada uma oficina de sensibilização e com confecção de brinquedos com materiais reaproveitáveis que iriam para o lixo, sendo constituída de uma práxis (teoria+prática) ambiental, com construção de nova concepção e momento interacionista, para sensibilização e mudanças de concepções acerca da temática envolvida. A Pesquisa teve caráter Qualitativo, com método de Observação Participante, Exposição Verbal e Técnica da Entrevista Não Diretiva, com uma vivência em Ecopedagogia, o que mostrou resultados imediatos pelo envolvimento, integração e emoções externalizadas pelos participantes durante a parte teórica e prática da oficina, que ao seu final, além dos novos saberes adquiridos sobre o reaproveitamento de materiais que iriam para o lixo, reduzindo sua produção e agregando valores simbólicos a eles, cada criança pode confeccionar o seu próprio brinquedo como sensibilização na prática ambiental.

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Comunidade Tradicional; Reaproveitamento; Brinquedos.

INTRODUÇÃO

As comunidades tradicionais possuem como principal característica a interação com a natureza e com os costumes repassados de geração em geração, na tentativa de dar continuidade às tradições recebidas dos antepassados, principalmente “*por meio da*

¹ Mestranda do PRODEMA/UFPB; Licenciada em Biologia; Técnica Ambiental; gccornelio@hotmail.com

² Mestrando do PRODEMA/UFPB; Integrante do Grupo de Pesquisa GEPEA/UFPB; ecordula@hotmail.com

oralidade, onde os saberes tradicionais se constroem e se reconstroem todos os dias, por pessoas comuns, de usos comuns e que são os construtores da história” (TERRA; DORSA, 2011, p.02), cabendo à ciência buscar resgatar estas tradições e estes saberes, além também de contribuir com novos conhecimentos para atender as carências e demandas destas populações (DIEGUES, 2004).

Neste sentido de contribuir com novos saberes e interações com o mundo natural a sua volta, a Educação Ambiental Não Formal atua envolvendo todos os segmentos sociais, incluindo grupos tradicionais, associações de moradores, trabalhadores rurais entre outros grupos e atores, para, através de ações e práticas educativas sensibilizar a coletividade sobre as questões inerentes ao meio ambiente e ao papel do ser humano neles, com vistas à qualidade de vida socioambiental (ABÍLIO; SATO, 2012; BRASIL, 1999; DIEGUES, 2004). Educação Ambiental representa uma possibilidade de motivação e sensibilização das comunidades em transformarem sua participação em potenciais caminhos de dinamização e concretização de pospostas sociais e ambientais baseadas na participação individual e coletiva (DIAS, 2004).

Entendem-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente (BRASIL, 1999, p. 04).

Ações voltadas para resgate de valores, atitudes pró-ambientais são necessárias na sensibilização do ser humano, que ocorrendo desde tenra idade e agregadas de valores simbólicos e satisfação pessoal, corroboram para incorporação de mudanças nos indivíduos, evidência constatada em vivências de Ecopedagogia (CÓRDULA, 2011; GADOTTI, 2000). Além do que a criatividade, a curiosidade e o desejo pelo saber-fazer, quando juntos, despertam para a criação de possibilidades imateriais e materiais, que se transformam em produções artísticas, maquetes e demais produções e artefatos (MACHADO; NUNES, 2012).

A criança ao brincar, desenvolve sua capacidade de refletir sobre os fatos reais de forma cada vez mais abstrata, bem como construir sua realidade, tanto pessoa quanto social. Brincando, a criança conscientiza-se da si mesma como ser agente e criativo (MACHADO; NUNES, 2012, p. 19).

Ao propiciar o aprendizado através de brincadeiras, jogos e brinquedos, as crianças produzem e reproduzem “*emoções, possibilitando nomear e organizar um mundo de caos para um mundo de descobertas*” (MACHADO; NUNES, 2012, p. 19), o que permite e facilita o contato direto com o seu universo cognitivo, permitindo um maior aprendizado e perpetuação mnemônica do saber ao longo do tempo, já que também, o lúdico é intencional, direcionado e contextualizado dentro do processo de sensibilização e aprendizado (CÓRDULA, 2012a).

Para Córdula (2012b), as atividades que proporcionam prazer e aprendizado, produzem um aprendizado de valores, atitudes e de construção da identidade do infante-juvenil, sendo também, uma abordagem de grande valia para aquisição de novos conhecimentos que não estejam vinculados diretamente com a ação educativa formal que ocorre apenas nas escolas.

METODOLOGIA

Objetivando desenvolver valores, atitudes através da sensibilização e da elaboração de brinquedos com materiais reaproveitáveis, foi desenvolvido uma oficina com crianças de ambos os sexos, entre 07 e 13 anos em uma comunidade tradicional de agricultores e trabalhadores ligados a monocultura canavieira, em um município do estado da Paraíba.

A comunidade de Lagoa de Praia está localizada a 6°47'58.53"S e 34°55'07.03"O, no Município de Rio Tinto (Figura 1 e 2). Esta comunidade foi escolhida em virtude de sua localização ser distante dos centros urbanos, de difícil acesso pela distância e estradas de terra, por não estar sendo realizado nenhuma ação sobre a temática ambiental na comunidade e da carência que sua população sobre informações desta temática e por explorarem intensamente os recursos naturais do seu entorno (fauna e flora), constatados pela técnica da Entrevista Não Diretiva (SEVERINO, 2007) com representantes da comunidade, onde são da Observação Participante Direta (GIL, 1989) na comunidade, que serviram de base nesta intervenção de modelo de Pesquisa Qualitativa (MARCONI; LAKATOS, 2002). Os representantes comunitários, além de prestar informações valiosas para o desenvolvimento da temática ambiental da Oficina Ecopedagógica (CÓRDULA, 2011; GADOTTI, 2000) e método

Expositivo Verbal (LIBÂNEO, 1994) da temática ambiental resíduo sólido, recursos naturais e problemas ambientais.

A Pesquisa Qualitativa tem como foco a interpretação que os próprios participantes têm da situação sobre estudo, enfatizando os aspectos da subjetividade e demonstrando uma flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência (MARKONI; LAKATOS, 2002).

A Técnica da Observação Participante Direta “*consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada*” (ABÍLIO; SATO, 2012, p.32), onde o pesquisador observador participa, vivencia ou é membro do grupo em estudo. E a Técnica da Entrevista Não Diretiva ocorre quando se é colhido às informações dos sujeitos a partir do discurso livre, deixando-os a vontade para se expressarem sem constrangimento e sem interferência em suas representações (SEVERINO, 2007).

A Exposição Verbal é um método de grande valia para apresentação de conteúdos e estímulo da aprendizagem do ouvinte, devido a forma direta como se procede, onde o público infanto-juvenil canaliza as informações que são vinculadas com experiências que o público traz consigo e assumem ao mesmo tempo, uma atitude de perceptivo-ativa (LIBÂNEO, 1994). Aliada a ela, a Ecopedagogia resgata valores, atitudes e conhecimentos que ficaram latentes na formação humana, incluindo entre eles, a afetividade para contribuir numa nova formação do sujeito ecológico, eminentemente necessária para mudar o atual paradigma de degradação ambiental (HALAL, 2009; GADOTTI, 2000).

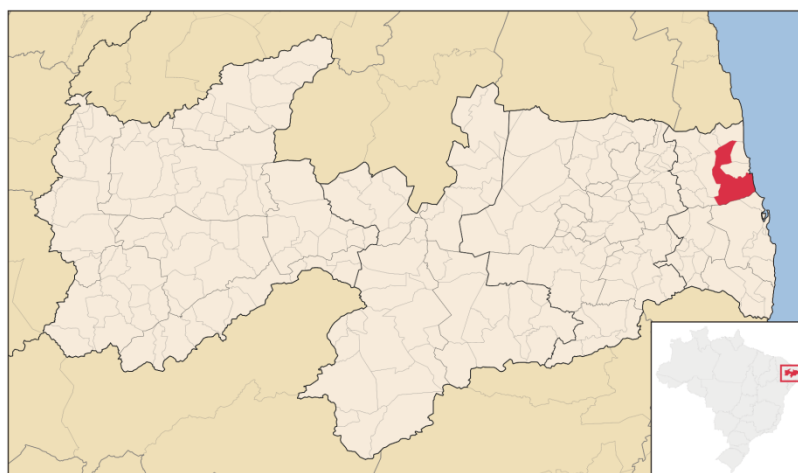


Figura 1 – Localização do município de Rio Tinto, no estado da Paraíba (Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e5/Paraiba_Municip_RioTinto.svg).

Todo o desenvolvimento da presente pesquisa e suas ações, tiveram autorização e permissão das lideranças locais da comunidade tradicional, onde todos os procedimentos respeitaram os padrões de ética para pesquisas com seres humanos, conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996).



Figura 2 – Localização da comunidade tradicional de Lagoa de Praia, Rio Tinto-PB (Fonte: GoogleEarth).

A comunidade recebe a denominação de Lagoa de Praia, devido a durante o período chuvoso ocorrer o surgimento de uma laguna temporária na entrada da comunidade, que estando próxima ao mar (aproximadamente 300m), passou ao longo do tempo ter esta designação. A localidade é uma região litorânea, localizada em área margeando a área de restinga, de clima quente e presença de dunas na área (CÓRDULA, 2010). A vegetação na área é utilizada na confecção das casas, cercas e currais para criações, o que provoca sua redução de forma considerada (Figura 2).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro contato com a comunidade foi realizada no período matinal do mesmo dia, e foi de vital importância para gerar laços de confiança e permissão para o desenvolvimento das atividades planejadas e diagnose necessárias para adequação da temática a ser tratada. No mês de dezembro de 2012, teve-se um contato com alguns

representantes da comunidade que estavam no município de Lucena-PB, durante uma reunião de uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) que, oportunamente expuseram a necessidade de ações e intervenções ambientais para a juventude da localidade, o que foi o fator motivador para o planejamento de uma proposta de atuação e deslocamento no mês de janeiro de 2013 de Lucena até Rio Tinto, para Comunidade de Lagoa de Praia e o desenvolvimento da atividade de Educação Ambiental Não Formal.

As atividades foram desenvolvidas no dia 05 de janeiro do corrente ano, na sede da Associação dos Moradores de Lagoa de Praia (Figura 3), durante o período vespertino, com o público infanto-juvenil que fora convidado previamente.



Figura 3 - Associação dos Moradores de Lagoa de Praia, Rio Tinto-PB.

Estavam presentes 13 crianças, com faixa etária entre 07 e 13 anos de idade, sendo 10 do sexo masculino e 03 do sexo feminino, além de duas mães que desejaram participar ativamente durante a oficina Ecopedagógica, auxiliando, segundo elas, para que as crianças permanecessem e participasse da atividade proposta (Figura 4).

Na hora marcada, as crianças foram chegando com olhar curioso e timidez, relutando em entrar na Associação, mas, aos poucos foram adentrando no recinto e se acomodando em disposição circular, pois nesta simbologia que representa a união indivisível entre todos, nos colocando em igualdade e como meio onde todos se veem e se relacionam todos podem participar ativamente da primeira etapa da atividade (FRITZEN, 1996) (Figura 5).



Figura 7 – Participação direta de alguns dos responsáveis durante na atividade (ao fundo).

A oficina teve dois momentos, sendo o primeiro composto por uma aula teórica expositiva e dialogada com as crianças sobre a temática ambiental, envolvendo questões sobre lixo, poluição, degradação do meio ambiente, ação do ser humano sobre a natureza e possíveis soluções para os problemas ambientais, com foco do local para o global, na escola do micro para o macro (DIAS, 2004; HALAL, 2009). E no segundo momento da atividade prática de reutilização do material que seria destinado ao lixo, para confecção de um brinquedo que eles não conheciam: o cai-não-cai (SIAULYS, 2005) (Figura 6).



Figura 5 – Público infantil durante o desenvolvimento da atividade.



Figura 6 – Brinquedo cai-não-cai confeccionado com materiais reaproveitáveis.

Como a Ecopedagogia surge em virtude de uma necessidade de uma nova pedagogia, voltada especificamente para desmistificar e romper o paradigma de sobreposição do ser humano em relação a natureza, o que levou ao esgotamento dos seus recursos e, portanto, “(...) *tem por finalidade promover a aprendizagem do sentido das coisas a partir do cotidiano e a promoção de um novo modelo de civilização sustentável*” (HALAL, 2009, p.88).

No segundo momento, fazendo uso de materiais reaproveitáveis como garrafas pet de diversos tamanhos, palitos de madeira e bolas de gude ou pedrinhas. Previamente foram feitos furos no corpo das garrafas para passagem dos palitos de madeira, fazendo uso de um soldador elétrico. Este procedimento foi realizado pelos oficineiros, para que as crianças não corressem riscos de acidentes ou lesões físicas (Figura 7).



Figura 7 – Preparação do material para o público infantil utilizar na confecção do brinquedo.

Foi demonstrado ao público infantil como montar o brinquedo e após colocarem de forma aleatória os palitos passando pelos furos, a colocação das bolas de gude (esferas vítreas), para e, a todo momento, foram estimulados a deduzir como funcionava o brinquedo para que aumentar sua curiosidade e gosto pelo objeto que estavam montando. Após várias tentativas de adivinhação, foi demonstrado como funciona e quais são as regras para utilizá-lo (Figura 8).



Figura 8 – Crianças participando ativamente da montagem do brinquedo (cai-não-cai).

O brinquedo cai-não-cai deve ser utilizado por no mínimo duas crianças, o que incentiva a socialização e a interação entre as crianças da comunidade, e que tem como regras a montagem do brinquedo, introduzindo os palitos pelos furos em seu corpo e depois colocando as esferas de gude. Um dos participantes inicia retirando um palito na tentativa de evitar que as esferas que estão sobre eles na parte superior da garrafa pet, não caiam na sua parte inferior. Em seguida o próximo jogador realiza o mesmo procedimento e assim se sucede. Quando uma ou mais esferas caem, elas são recolhidas por uma abertura no fundo na garrafa e reservadas a parte. Vence a brincadeira quem estiver com menor número de esferas ao final do jogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O isolamento de muitas Comunidades Tradicionais, devido a sua localização ou situação geográfica que nem sempre são próximas as cidades e principais centros urbanos, acabam isolando-as também do contato com novos conhecimentos. Tal isolamento só não é maior devido a muitos possuírem acesso direto as mídias telecomunicativas.

A Educação Ambiental (EA) Não Formal vem no rumo da valorização dos saberes destas Comunidades Tradicionais, na sua preservação e na inserção de novos conhecimentos tão necessários na sensibilização quanto ao uso dos recursos naturais e produção de resíduos sólidos, já que nestas localidades tais conhecimentos demoram a chegar, a não ser por iniciativas de entidades governamentais ou da sociedade civil organizada (ONG's) e, por outro lado, a coleta pública de lixo quase não ocorre e o destino que dão geralmente provocam a longo prazo impactos locais.

Para mudar este paradigma, uma vivência de Ecopedagogia em EA Não Formal na comunidade de Lagoa de Praia, no município de Rio Tinto, Paraíba, trouxe um experiência ímpar para oficinairos e participantes, com aprendizado mútuo, onde a práxis foi manifestada através da sensibilização com conhecimentos palestrados e em seguida uma pratica de montagem de utilização de materiais que foram descartados por não terem mais uso, e que iriam a princípio para o lixo, na confecção artesanal de brinquedos, em específico o cai-não-cai.

Com isto, o projeto mostrou a positividade de sua ação, a través de sua metodologia e da ação promovida, onde a receptividade foi imensa e produziu resultados reais e concretos na vida da comunidade em questão. Por outro lado, é nítida a carência na população de ações voltadas especificamente para eles e que atendam as suas reais necessidades de conhecimento, cultura e necessidades básicas. O que portanto, resalta a atuação de ONG's e GOV's nesta localidade

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Francisco José Pegado; SATO, Michele. Métodos Qualitativos e Técnicas de Coletas de Dados em Pesquisas com Educação Ambiental. In: ABÍLIO, F. J. P.; SATO, M. **Educação Ambiental: do currículo da educação básica às experiências educativas no contexto do Semiárido Paraibano**. João Pessoa, PB: Ed. Universitária da UFPB, 2012, p.19-76.

BRASIL. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos.** Brasília: CNS/MS, 1996. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2009.

_____. **Política Nacional de Educação Ambiental** – Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Senado Federal, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm. Acesso em 09 out. 2012.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. **Pedagogia Vivencial Humanescente:** para sentipensar os sete saberes da educação. Curitiba, PR: CRV, 2010, 205p.

CHALITA, Gabriel. **Educação:** solução está no afeto. 19ª ed. São Paulo: Gente, 2004, 263p.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. Educação Ambiental Integradora – EAI. Caedelo, PB: EBLC, 2010 [CD-ROM].

_____. **Oficinas Ecopedagógicas na Formação do Ecocidadão.** Cabedelo, PB: EBLC, 2011. 64p.

_____. As crianças e a violência na escola: espelhos da sociedade. **Revista Eletrônica de Educação.** São Carlos, SP: UFSCar, v. 5, no. 2, p.256-266, nov. 2011. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>.

_____. O Ser Humano Planetário (*Homo affectus holostemicus*): da concepção à formação do educando. In: CANANÉA, F. A. **Diálogos Educacionais Contemporâneos.** João Pessoa, PB: IMPRELL, 2012a, p.31-38.

_____. **Homo sapiens affectus:** em busca do futuro da humanidade/Eduardo Beltrão de Lucena Córdula. Cabedelo,PB: EBLC, 2012b,62p.

DIAS, Genebaldo F. **Educação Ambiental:** Princípios e Práticas. 9ª ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec, 2004.

GADOTTI, Moacir. **A Ecopedagogia como pedagogia apropriada ao processo da Carta da Terra.** Fórum Nacional de Pedagogia – UFMT, 2000. Disponível em: <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev21/moacir_gadotti.htm>. Acessado em: 21 mar. 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989, 206p.

HALAL, Christine Yates. Ecopedagogia: uma nova educação. **Revista de Educação,** Vol. XII, Nº 14, São Paulo, 2009, p. 87-103.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994, 262p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, José Ricardo Martins; Nunes, Marcus Vinícius da Silva. **120 Dinâmicas de Grupo: para viver, conviver e se envolver**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012, 140p.

NOLT, Dorothy. L.; HARRIS, Rachel. **As crianças aprendem o que vivenciam**. Tradução de Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

SANTOS, Santa Marli Pires. **O Brincar na Escola**: metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas. Petrópolis, RJ: VOZES, 2011, 108p.

SEVERINO, A. J.; **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIAULYS, Mara O. de Campos. **Brincar para Todos**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2005. 152 p.

TERRA, Eva Martins; DORSA, Arlinda Cantero. As comunidades tradicionais, história, tradições, memória e perspectivas de desenvolvimento sustentável. In: IV Seminário dos Povos Indígenas e Sustentabilidade: saberes tradicionais e formação acadêmica, de 15 a 18 ago. 2011, Campo Grande-MS, Universidade Católica de Dom Bosco, ...**Anais**. Disponível em: <http://www.neppi.org>. Acesso em: 15 mai. 2013.